

ESCOLA MULTISSERIADA: ESTUDO DE CASO DE UMA REALIDADE DA ÁREA RURAL DO MUNICÍPIO DE LAGUNA - SC^I

Ellen Patricio da Silva^{II}

Nádia Maria Soares Sandrini^{III}

Resumo: Esta pesquisa se propõe a investigar sobre o Ensino Fundamental em uma escola multisseriada, localizada em área rural. Dessa forma, partiu-se das seguintes questões: como se dá a gestão da escola e a organização do ensino em uma escola multisseriada da rede municipal de Laguna- SC? De que forma ocorre o ensino multisseriado e qual sua eficácia no processo de ensino e aprendizagem dos educandos? O professor recebe formação continuada que favoreça a sua atuação? A comunidade participa da vida da escola? Em relação aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, visto que se busca maior familiaridade com o tema pesquisado. Com base nos procedimentos técnicos adotados para coleta de dados, define-se a pesquisa como estudo de campo, uma vez que se pretende aprofundar as questões propostas através da imersão da realidade pesquisada de uma única escola e sua comunidade. Quanto a análise dos dados, a pesquisa é qualitativa e tem como técnicas entrevistas, observações e análises documentais, pois se analisa as percepções dos sujeitos pesquisados diante do problema de pesquisa em questão. As análises revelaram que as salas multisseriadas possibilitam maior interação e socialização entre os alunos na veiculação de valores, sua relação com o espaço escolar e nas relações sociais com a comunidade. No entanto, observa-se que nem sempre a escola do campo foi priorizada pelos governantes do município, ocasionando descaso e abandono. Nessa perspectiva, constata-se a necessidade de estudos e reflexões sobre as políticas, organização de ensino, investimento e formação continuada para os docentes.

Palavras-chave: Escola multisseriada. Gestão. Organização do ensino.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresenta-se a realidade do ensino fundamental de uma escola multisseriada da área rural do município de Laguna (SC). Relata-se uma pesquisa que investigou a realidade vivenciada pelos sujeitos envolvidos com a escola, tanto na gestão quanto na organização do ensino.

I Artigo apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito para a conclusão da Unidade de Aprendizagem de Conclusão dos Processos Investigativos.

II Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: ellenpatricio@hotmail.com.

III Graduada em Pedagogia – Administração Escolar - Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Especialista em Administração Escolar - Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Mestre em Educação - Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Doutora em Ciências da Linguagem - Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Professora do Curso de Pedagogia - Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. E-mail: nadia.sandrini@unisul.br.

Durante a minha formação acadêmica, as escolas rurais, especificamente multisseriadas, foram pouco mencionadas, desconhecia-se o fato de que essas se mantivessem na atual realidade educacional. De origem rural, grande parte de meus familiares foram alfabetizados frequentando uma escola multisseriada, exatamente essa que foi alvo da pesquisa e isso contribuiu para motivar ainda mais a minha curiosidade e o meu interesse para explorar o assunto.

Distante dos centros urbanos das cidades, a escola multisseriada, assim denominada por reunir em uma mesma turma crianças de diferentes séries, representa para as famílias e comunidade local a única alternativa de educação, sendo, portanto, uma referência para pessoas de vida simples e com poucos recursos socioeconômicos.

Pesquisar e refletir sobre a escola multisseriada e as políticas que envolvem o seu funcionamento foi de suma importância para minha formação, pois poderei vir a atuar em uma delas. De outro lado, agregar novos conceitos e aprendizados pesquisando a escola multisseriada na comunidade onde viveram e estudaram meus familiares, foi muito prazeroso e gratificante, senti-me parte de suas histórias de vida.

Sobre as questões conceituais e metodológicas da pesquisa realizada, objetivou-se conhecer a realidade da escola multisseriada e, especificamente, resgatar aspectos sócio históricos e atuais da escola e identificar a realidade cotidiana da gestão da escola e da sala de aula. Estabeleceu-se a pesquisa como exploratória, visto que se buscou maior familiaridade com o tema pesquisado, e qualitativa, pois se coletou as percepções dos sujeitos pesquisados diante da questão-problema: como se dá a gestão da escola e a organização do ensino em uma escola multisseriada? Com base nos procedimentos técnicos adotados para coleta de dados, definiu-se a pesquisa como estudo de caso. Para a coleta, foram realizadas 20 horas de observação direta das atividades em sala de aula, entrevistou-se a diretora e a professora. Além disso, analisou-se documentos da escola, como Projeto Político Pedagógico e outros documentos disponíveis na escola e na internet. Todos os dados coletados foram tratados e organizados de forma a favorecer a análise e a interpretação dos dados, os quais se encontram neste artigo.

Constituído por essa introdução, os dados seguem apresentados de forma concomitante com os conceitos estudados em Sandrini (2000), Barros e Lima (2013), Parente (2014) e os aspectos legais definidos pelo MEC (2019) para as políticas da educação rural de Santa Catarina e do Brasil, através de diretrizes, normatizações e aspectos históricos da educação rural. Ao término do artigo, tecem-se as considerações finais.

2 A REALIDADE DA ESCOLA MULTISSERIADA

Estudando a história da educação de Santa Catarina, é possível identificar, no início do ano de 1900, a existência de uma rede de ensino fundamental com os seguintes tipos de escola: Grupo Escolar, Escola Reunida, Escola Isolada.

As Escolas Isoladas, típicas da zona rural, mantinham um ensino multisseriado, um único professor, no mesmo horário, atendia a todos os alunos da escola. As Escolas Reunidas, que surgiram em 1915, atendiam a mais de uma turma e representavam uma fase de evolução de Isolada para Grupo Escolar, que mantinham os alunos em séries distintas. (SANDRINI, 2000, p. 26).

No ano de 1991, seguindo as políticas nacionais e um processo de descentralização da educação, Santa Catarina iniciou “programas de municipalização de escolas do Ensino Fundamental” (Sandrini, 2000, p. 44) e isso representou a incorporação pelos municípios de escolas que ofereciam os anos iniciais do Ensino Fundamental, principalmente as que funcionavam no meio rural, ou seja, escolas até então chamadas isoladas e reunidas. Aos poucos, esses nomes foram sendo substituídos por escolas municipais e, muitas delas, foram fechadas a partir de uma outra política colocada em prática, o Programa de Nucleação de Escolas.

O Programa de Nucleação de Escolas Multisseriadas defendia que, para acompanhar as recentes mudanças da educação nacional, principalmente as relativas à manutenção e desenvolvimento do ensino, estado e município precisavam adotar políticas educacionais compartilhadas, principalmente para as escolas rurais. (SANDRINI, 2000, p. 47).

Esse fato levou os sistemas municipais de educação a ampliarem suas redes de escolas, as quais, na grande maioria, aplicaram o programa de nucleação com a ajuda do estado a fim de manter o transporte escolar que passou a transitar pelas áreas rurais, trazendo alunos para escolas centrais e, assim, passaram a ser chamadas escolas núcleo. Entretanto, em muitos municípios e comunidades, as escolas multisseriada foram mantidas. Segundo o MEC,

Dados do censo escolar da educação básica dos últimos dez anos mostram decréscimo do número de escolas e de matrículas na área rural e crescimento na área urbana. O censo escolar de 2003 registrou 103.328 escolas rurais e 7,9 milhões de matrículas; em 2013, foram 70.816 escolas rurais e 5,9 milhões de matrículas, redução de 32.512 escolas e de 2 milhões de matrículas. (MEC, 2019).

Essa realidade levou a criação do Programa Nacional de Educação do Campo (Pronacampo), através da Portaria Nº 86, de 1º de fevereiro de 2013, que estabelece a necessidade de uma política de educação do campo para ampliar e qualificar a “oferta de educação básica e superior às populações do campo, e será desenvolvida pela União em regime de colaboração com os estados, os municípios e o Distrito Federal, de acordo com as diretrizes e metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação.” (MEC, 2013). Seguindo os termos da Portaria, são consideradas populações do campo:

[...] os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural. (MEC, 2013).

A escola do campo se faz reconhecida, em documento próprio, nas suas especificidades e necessidades, considerando alguns fatores como o número populacional e o difícil acesso para determinadas localidades. Sobre essa trajetória, Barros e Lima (2013, p. 258) registram que:

A história da educação brasileira, na perspectiva de políticas públicas para o meio rural, evidencia o quanto essa educação foi negligenciada pelo Estado. Uma retrospectiva histórica nos indica que, embora a sociedade brasileira até o início do século XX fosse predominantemente agrária, os textos constitucionais de 1825 a 1891 sequer mencionaram a educação rural, evidenciando o descaso dos dirigentes e das matrizes políticas e culturais centradas nas ideias educacionais europeias. Assim, a escola no meio rural surge tardia e descontinuamente.

Nesse contexto, o ensino multisseriado permanece como uma alternativa para comunidades rurais de muitos municípios brasileiros. Amorim (2015, p. 2) ressalta que "Em relação ao sistema educacional brasileiro, essas escolas tiveram negado o seu reconhecimento e a garantia do direito à educação básica".

Investigando a realidade de Santa Catarina, especificamente nos anos iniciais do ensino fundamental rural, encontramos no Censo de 2018 os dados abaixo:

Figura 1- Matrículas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental Rural – Santa Catarina – 2018

Matrículas 1º ano	8.264 estudantes
Matrículas 2º ano	7.887 estudantes
Matrículas 3º ano	8.210 estudantes
Matrículas 4º ano	8.375 estudantes
Matrículas 5º ano	8.841 estudantes

Fonte: Disponível em: Qedu.org.br. Acesso em: 10 out. 2019.

O número, embora quantitativamente pequeno, é grande em termos do que cada uma dessas escolas representa para as comunidades onde estão inseridas. Deste modo, essa realidade nos instiga a indagar: Quais as dificuldades apresentadas pelos alunos no ensino multisseriado? De que forma ocorre o ensino multisseriado e qual sua eficácia no processo de ensino e aprendizagem dos educandos? O professor recebe formação continuada que favoreça a sua atuação? A comunidade participa da vida da escola? Qual o nível de importância que a ela dedica? Como afirma Parente (2014, p. 682),

[...] deve-se destacar a importância de uma decisão política acerca da educação do campo e das turmas multisseriadas no município. Se elas são residuais quantitativamente, não o são do ponto de vista das comunidades nas quais estão inseridas. As escolas são, na grande maioria das vezes, o único espaço comunitário existente.

Constatada a existência da escola multisseriada rural como único espaço comunitário e seguindo uma curiosidade profissional de conhecer a realidade de uma escola multisseriada, pesquisou-se uma escola da rede pública do município de Laguna (SC) e, neste artigo, relata-se sua construção, coleta e respostas.

Para iniciar a investigação, inicialmente, conversou-se com a diretora, que descreveu aspectos antigos e atuais da escola. Apresentou-se o projeto e se definiu, em comum acordo, uma turma para realizar a observação e coletar os dados.

A escola de ensino fundamental pesquisada chama-se "Escola Agrícola Índio Guimarães", está localizada na estrada que dá acesso à Gruta Rosalina Perito, na Comunidade de Parobé, no Distrito de Ribeirão, município de Laguna (SC) e completou 55 anos neste ano.

Alguns relatos sobre a história e origem da escola são desconhecidos. Com base nos dados históricos do PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, verificou-se que:

Sobre a data de fundação depois de muitas pesquisas na escola e fora da mesma, foi encontrado um livro de assinatura dos termos de visita e aí estava registrada a data de fundação da escola atual e através deste livro que ficamos sabendo que o prédio foi inaugurado no dia 15 de agosto de 1964. (PPP, 2015, p. 9).

A data inaugural da estrutura física da escola não é a data oficial de atuação da primeira professora que lá lecionou e que se chamava Sílvia Wendhausen Moraes. Ao se examinarem alguns documentos históricos, já constava sua atuação a partir do ano de 1949 na respectiva escola. No livro "Ciranda da Saudade" há um relato da autora, naquela época com 7 anos, que remete ao seguinte:

A escola localizava-se no salão antigo, pois a nova não estava terminada. Lá pelo meio do ano, mais precisamente no mês de agosto, a escola nova, já terminada, professoras e alunos iniciam o trabalho da "mudança". Lembro que ajudei a fazer a mudança, carregando cadeiras. Esse era o ano de 1964, ano da Fundação da Escola Reunida Agrícola Índio Guimarães.

Eu não achava bonito esse nome, porque não entendia muito bem. Era um nome complicado, esquisito, mas tenho belas recordações da escola. (CARDOZO, 2000, p. 150).

Nesse relato, percebe-se a proximidade da comunidade com a escola desde aquela época. Os próprios alunos ajudaram na mudança do espaço físico em defesa da educação para atender algumas necessidades, tais como: melhor harmonização do ensino, melhores condições arquitetônicas e, possivelmente, a presença de mobiliário adequado. Conforme o PPP da escola (2015, p. 9), "nos dados históricos da instituição, houve uma mudança no nome, mas não há registros do motivo da troca".

Ao buscar-se dados mais consistentes sobre a origem da escola, não foram encontrados documentos ou registros que contasse a data da fundação da primeira escola. A origem do nome da escola, que antes era Escola Reunida Agrícola Índio Guimarães, ficou desconhecida devido à inexistência de documentação a respeito e desconhecimento por parte das pessoas que passaram por esta escola. Por não existir nenhuma documentação da escola e da comunidade os dados foram coletados junto às pessoas mais atuantes e antigas da comunidade. (PPP, 2015, p. 9).

Segundo relatos da diretora atual da escola, os dados coletados vieram diretamente de pessoas que fazem parte da comunidade há mais tempo.

[...] não obtivemos informações concretas sobre o nome atribuído a escola, porém, após muitas pesquisas e relatos através de moradores mais antigos da comunidade, que Índio Guimarães era um professor da rede estadual, morador da capital

(Florianópolis), e por ser mantida as escolas na época, pelo governo do Estado, eram homenageados servidores estaduais. Desta forma, sendo nomeada a princípio, como Escola Reunida Professor Agrícola Índio Guimarães, e, em 2005, alterada por decreto, para então, Escola de Ensino Fundamental Agrícola Índio Guimarães.

No contexto atual, os dados da escola estão no sistema global de redes interligadas de computadores (Internet) e foi possível verificar que, conforme dados estatísticos (QEDU, 2018), a escola de Ensino Fundamental Agrícola Índio Guimarães está localizada em uma zona rural da cidade de Laguna- SC. Ela possui 11 funcionários, cozinha, água filtrada, banheiro, internet com acesso à banda larga e um computador administrativo e 2 salas de aula. Porém, a realidade observada não é bem esta. As crianças e o corpo docente estão instalados em um salão cedido pela comunidade. A escola possui 6 funcionários, entre eles 5 professores, 1 gestor (diretor) e 1 merendeira. Há escola conta com 39 alunos, 2 salas de aula, 1 banheiro, refeitório e cozinha improvisados. Atende crianças da educação infantil (06 anos) e ensino fundamental, até o 5º ano (11 anos em média).

A entrevista com a diretora trouxe os seguintes relatos sobre a atual situação: "em julho de 2017 percebi que havia necessidade da obra, pois havia muitas fezes de morcego. Nunca houve uma reforma antes. A escola estava até sem condições de higiene". Assim, segue o relato elucidando os fatos transcritos na íntegra:

Iniciou-se uma reforma em julho de 2017 por uma empresa de construção civil privada contratada através de licitação pelo município, mas não foi concluída. O projeto contemplava apenas uma parte das necessidades arquitetônicas. O valor estimado para reforma foi de 100 mil reais. No decorrer da obra situações inusitadas foram surgindo, ultrapassando os valores, chegando a quase 200 mil reais. Para a obra ser concluída o aditivo só poderia ultrapassar 50% do valor, neste caso ultrapassou 100%, acarretando o atraso dos prazos. (DIRETORA, 2019).

Enquanto o poder público e a empresa não chegam a um acordo para acertar valores e estabelecer nova licitação, a obra encontra-se paralisada. A comunidade e a diretora aguardam ansiosamente a conclusão da edificação para ofertar melhores condições educacionais, mas têm consciência dos problemas que ainda enfrentarão.

Houve algumas problemáticas durante essa obra. Problemas com o projeto. Era só para fazer uma etapa na obra, chegou-se lá verificou-se que tinha muitas coisas a mais a se fazer, foram aparecendo mais problemas. Esses projetos que tiveram que ser refeitos foi a elétrica e a hidráulica, que não estava no primeiro projeto original que foi aprovado com o valor de 100 mil reais. Aí veio a necessidade de nova licitação, novo projeto, por conta dos valores. E aí precisou fazer tudo de novo. (DIRETORA, 2019).

A diretora foi convidada para assumir a direção da escola no ano de 2017. É formada em Pedagogia desde 2012, integra o quadro efetivo de funcionários do município e atua somente na escola, por 40 horas. Observa-se que, no mesmo ano que assumiu, a diretora solicita a reforma assumindo seu papel de gestora preocupada com a qualidade dos serviços que a escola deve prestar para oferecer melhores condições para as crianças.

A comunidade não é ausente, observou-se a participação, inclusive para angariar recursos financeiros. Os pais ou responsáveis pelas crianças fazem alguns quitutes, como bolos, rapaduras, doces, paçocas para serem vendidos na praça. O dinheiro das vendas é usado para pagar atividades complementares para os alunos, entre elas aula de artesanato e capoeira.

Segundo Romanelli, Nogueira e Zago (2013, p. 36), documentos e lamentações tem mostrado a inoperância de família e escola, “De um lado, os pais, ou a família, expressam queixas contra a escola e os professores” e, de outro, os professores e outros profissionais da escola “argumentam que os pais não se interessam pelos estudos dos filhos”. Pelos depoimentos coletados, essa não é a realidade dessa escola e comunidade, já que há um grau de comprometimento que soma na educação das crianças.

A educação é um processo de humanização, tendo como principais pontos a inserção crítica do educando na sociedade. As crianças adquirem conhecimentos ao longo de seu desenvolvimento, fazem sua própria leitura de mundo, por meio das interações e diferentes culturas durante todo o percurso de vida. A formação integral na educação básica, assim como a Proposta Curricular de Santa Catarina, deixa clara a importância de oferecer diversas linguagens durante o processo formativo.

[...] Entende-se que é por meio da apropriação dos diferentes elementos da cultura que cada indivíduo desenvolve suas capacidades. Desse modo, é fundamental que as práticas pedagógicas a serem levadas a efeito nas escolas considerem a importância do desenvolvimento de todas as potencialidades humanas, sejam elas físicas/motoras, emocionais/afetivas, artísticas, linguísticas, expressivo-sociais, cognitivas, dentre outras, contribuindo assim para o desenvolvimento do ser humano de forma unilateral. (SANTA CATARINA, 2014, p. 31).

O local atualmente utilizado para funcionamento da escola não oferece espaços apropriados para as crianças. O espaço, chamado de sala de aula, onde elas realizam as atividades com a professora é pequeno, possui apenas uma janela como ventilação, a iluminação é pouca, possuindo apenas uma lâmpada, e a sala é dividida dos outros espaços por uma cortina

de tecido TNT^{IV}. Elas fazem o lanche e brincam dentro da sala e, algumas vezes, próximas as mesas onde estudam. A educação física é improvisada em um campinho de futebol da própria comunidade.

O currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense (2019, p. 85), enfatiza que:

Quanto à concepção e à organização do espaço curricular e físico, imbricam-se e alargam-se, por incluir no desenvolvimento curricular ambientes físicos, didático pedagógicos e equipamentos que não se reduzem às salas de aula, incluindo outros espaços da escola e de outras instituições escolares, bem como os socioculturais e esportivo-recreativos do entorno, das aldeias e mesmo da região.

Para garantir também às crianças da escola pesquisada essas condições, várias medidas já foram tomadas por parte das famílias, diretor e professores, como reuniões com o prefeito, acordos na câmara de vereadores do município para que resolvam a situação da reforma. Na câmara dos vereadores foi discutida a possibilidade de nucleação dessas turmas multisseriadas para uma escola próxima mantida pelo Estado de Santa Catarina.

A grande expectativa da comunidade é que os vereadores assinem o documento que foi firmado em reunião, onde se comprometeram em manter as escolas pequenas, principalmente as que funcionam com o ensino multisseriado. No relato da diretora, foi possível perceber a forte influência das famílias a favor da escola: "Se a comunidade não quer que feche, não pode fechar. Então, a comunidade foi para cima buscando esse direito. Os vereadores se comprometeram, mas até hoje não saiu esse documento, isso já faz uns 6 meses" (DIRETORA, 2019).

Baseando-se nas concepções da Base do Território Catarinense (2019, p. 85), destaca-se que:

Essa ampliação e essa diversificação dos tempos e dos espaços curriculares pressupõem profissionais da educação dispostos a reinventar e construir, para essa escola, uma responsabilidade compartilhada com as demais autoridades encarregadas da gestão dos órgãos do poder público, na busca de parcerias possíveis e necessárias, até porque educar é responsabilidade da família, do Estado e da sociedade.

Em consequência disso, a escola se mantém funcionando no espaço cedido pela comunidade, chamado de Associação de Pais e Professores da escola de Ensino Fundamental

^{IV} TNT é um tipo de tecido classificado como um não tecido, pois é produzido a partir de fibras desorientadas que são aglomeradas e fixadas, não passando pelos processos têxteis mais comuns que são fiação e tecelagem. São utilizados, principalmente, para fins transitórios e, por isso, possuem baixo custo.

Agrícola Índio Guimarães (APPAIG). Fundada em 01/07/1970, foi criada na forma de associação civil, sem fins lucrativos e por tempo indeterminado de duração.

Conforme parágrafo único do Estatuto da Associação (2015/2017, p. 2) “É composta de número ilimitado de associados, da qual fazem parte: pais ou responsáveis pelos alunos; corpo docente, diretores e funcionários deste estabelecimento de ensino; especialistas em assuntos educacionais e pessoas da comunidade.”

Nessa perspectiva, as relações sociais com a comunidade impactam de forma positiva no espaço escolar. A comunidade se faz presente, lutando para garantir seus direitos.

Apesar da precariedade e do abandono do poder público, a instituição é a única daquela localidade que oferece o Ensino Fundamental I completo, com turmas multisseriadas. Ela conta com 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos. Partindo dos dados do QEDU (2018), a escola mais próxima, localizada na comunidade do Ribeirão, que fica a aproximadamente 3 quilômetros de distância, oferta apenas o 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I e Ensino Médio. A Resolução CNE/CEB nº 2/2008, que fala sobre as diretrizes complementares de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo, denota sobre as turmas multisseriadas em seu artigo 3º. Assim, a “ Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental serão sempre oferecidos nas próprias comunidades rurais, evitando-se os processos de nucleação de escolas e de deslocamento das crianças.”

A escola rural foi se caracterizando com carência de números de alunos, espaço físico reduzido e poucos recursos tecnológicos. Muitas dessas escolas ainda sobrevivem porque a comunidade cobra dos órgãos responsáveis essa oferta para que seus filhos não precisem se deslocar para outra comunidade. Teruya et al. (2013, p. 573) argumenta que se formou

[...] uma imagem de que as classes multisseriadas consistem em um ensino de segunda categoria. Pior, sem alternativa de melhoria. Com esse ponto de vista, educadores e gestores optaram por esquecê-lo, contando que um dia desaparecerá por causa do progresso natural de um processo de desenvolvimento econômico que levou para as cidades, nas últimas décadas, um enorme contingente populacional da área rural.

Apesar da precariedade anunciada, o ensino multisseriado possui vantagens, como a socialização entre os sujeitos, transmissão de conhecimento, valorização das crenças e valores nas relações com a comunidade e na rotina do espaço escolar. Vale ressaltar que a escola multisseriada possui o mesmo compromisso pedagógico de formação de seus alunos como qualquer outra escola.

Em relação às possibilidades, dificuldades, desafios que enfrentam os professores no desenvolvimento das aprendizagens de uma turma de alunos de idades e séries diferentes que

também se investigou, passando, assim, dos aspectos da gestão da escola para a gestão da sala de aula propriamente dita, que, outrossim, constituiu-se em objetivo da pesquisa. Nesse sentido, realizou-se 20 horas de observação e uma entrevista com a professora da turma observada.

A professora é licenciada em Pedagogia, possui especialização em alfabetização e é do quadro efetivo de funcionários da prefeitura do Município de Laguna. Trabalha na escola pesquisada por 20 horas semanais, no período matutino, lecionando em turma multisseriada do 4º e 5º ano há 5 anos, sendo a sua primeira e única experiência em turma multisseriada. Ela leciona as disciplinas de Matemática, Geografia, Português, Ciências e História. Para a disciplina de Inglês e Educação Física, há professores específicos das áreas.

Sobre sua experiência, relata a professora:

Eu iniciei trabalhando com 1º e 2º ano com alfabetização. Então, foi desafiador, porque tinha uma turminha que sabia ler bem e os outros iniciando. Então deu um pouquinho de trabalho. Já 4º e 5º ano não dá muito. As crianças mesmo se ajudam.

O planejamento das atividades pedagógicas é realizado quinzenalmente, mas nem sempre esse cronograma é cumprido, vai de acordo com o andamento das atividades, como as crianças reagem a elas e quanto tempo levam para realizá-las.

Segundo relato, há limitações impostas por parte dos recursos do município, visto que raramente ofertam uma formação continuada para o professor, independente do local ou escola que leciona, sendo ele ensino multisseriado ou não. O único treinamento que é oferecido é para aplicar o sistema de ensino "MINDLAB", (voltado para aplicar os jogos em sala de aula) trazendo a prática pedagógica com os jogos oferecidos pela rede municipal de ensino.

Torna-se evidente que deveria haver uma formação específica para a docência do meio rural, especificamente para classes multisseriadas, sendo uma condição indispensável para o desenvolvimento profissional. Muitos professores estão despreparados ou não possuem formação específica para a classe que lecionam, enfrentando as adversidades da profissão. Para Amorim (2017, p. 39):

Quanto a formação de professores, essa deveria ser oferecida com qualidade, para que os docentes tenham preparo para trabalhar, com a diversidade de locais e culturas. Não somente nas escolas rurais, mas também nos quilombolas, indígenas, urbanos, entre outros espaços sociais e históricos.

Ao relatar sobre as dificuldades dos alunos no ensino multisseriado, a professora diz que as barreiras são as mesmas durante o processo de aprendizagem, não há diferença. Contando seu tempo de experiência, acredita que em turmas unificadas os obstáculos serão maiores, pelo

fato de as turmas terem mais alunos. As crianças irão apresentar dificuldade em alguma disciplina, cada um aprende no seu tempo, dúvidas sempre surgirão.

De outro modo, ao se falar da relação família X escola, a presença dos pais é muito forte. Sempre atentos na porta da escola, conversam com o professor e diretora. Mostram interesse pelos problemas envolvendo a comunidade e a escola. A maioria deles participam das reuniões e entrega dos boletins. Quando não é possível a presença naquele determinado dia e hora, eles acabam vindo em outro momento, mas nunca deixam de vir.

Famílias, ainda na dimensão da generalidade, são entidades onde ocorre a vida privada e seus integrantes são pessoas, dotados de atributos singulares, entre os quais a sociabilidade é regida por normas informais. A vida doméstica é impregnada de afetividade, caracterizada pela solidariedade ou por tensões e hostilidades, e configura-se como local onde a criatividade individual tem maiores oportunidades de manifestação. (ROMANELLI; NOGUEIRA; ZAGO, 2013, p. 34).

Por ser uma comunidade pequena, os pais não necessitam de formalidades para terem acesso aos dados dos filhos, entram na escola, falam com a diretora como se fossem velhos amigos, criam laços de amizade com responsabilidade e comprometimento. O próprio espaço físico que a escola utiliza atualmente, conforme já mencionado, dá provas do envolvimento da comunidade.

Sobre o espaço físico, precisamente a organização do espaço e tempo pedagógico, com olhar de pesquisadora, buscou-se perceber como se dá essa organização, procurando possíveis diferenças entre a turma multisseriada e a turma organizada com crianças de uma única série.

Na organização física da sala, não se observou diferenças, mas na prática pedagógica sim. Ainda que o espaço da escola não ofereça diversas salas e a sala de aula seja pequena, as carteiras são organizadas de forma tradicional, uma atrás da outra, formando filas. A escola enfrenta desafios pedagógicos, como realizar atividades diversas para contemplar os conteúdos das duas séries (4º e 5º ano), seguindo os parâmetros curriculares, visando, também, abranger as particularidades de cada criança. Além do desenvolvimento cognitivo, é preciso olhar para o aspecto emocional também. Outro fator observado foi a preocupação de cumprir o conteúdo curricular e a busca de recursos para levar conhecimento para as crianças, tentando cumprir todos os requisitos básicos. O tempo no espaço escolar reflete valores, comportamentos e requer planejamento. Trabalhar com classe multisseriada é desafiador para o professor, pois se deve pensar em uma maior organização do espaço e do tempo, que seja significativo para que todos aprendam. Dessa forma, há necessidade de haver uma maior organização por parte do professor, planejando o tempo e o espaço. Na visão de Ximenes, Rocha e Colares (2013, p. 94 apud

AMORIM, 2017), “no que tange à organização do espaço há duas variações significativas: a que alterna a separação em séries e a distribuição aleatória dos alunos na classe distribuídos em círculos ou em fileiras”. A escola procura aplicar os conteúdos a partir de projetos, valorizando as habilidades das crianças. Em entrevista gravada, a professora fala sobre o processo de interdisciplinaridade:

[...] a gente trabalha o mesmo tema [...] Tivemos o projeto da Feira de Ciências, aí a gente trabalhou sobre as cachoeiras, a rota das cachoeiras, foi muito legal. Então o que aconteceu dentro do projeto foi que consegui trabalhar os pontos cardiais, a localização, trabalhamos vegetação, trabalhamos a mata atlântica, trabalhamos água, o ciclo da água, assim de cabeça não vou lembrar, mas tá tudo anotadinho ali. Entramos até no conceito de rochas, então conseguimos com um tema trabalhar vários conteúdos, que estão na BASE.

Para organizar as atividades, é utilizado o quadro, recursos de mídia, textos e atividades impressas, cartolina, dinheiro fictício e mapas. Introduzindo as contas de divisão, com dois divisores, a professora usa um cartaz colado no quadro, com dinheirinho fictício. Após a explicação, ela coloca algumas contas no quadro e chama individualmente cada criança para resolvê-las. Para as crianças que fazem parte do 4º ano, ela utiliza algarismos pequenos para facilitar a compreensão. Quanto aos que fazem parte do 5º ano, coloca números maiores envolvendo centenas de milhar.

No decorrer da atividade, a professora ajuda os alunos que apresentam dificuldades. A recompensa para quem acertar a conta é um pirulito. Com a recompensa, as crianças mostram entusiasmo. Durante o decorrer da atividade, Gabriel^V apresenta dificuldade na resolução e chora. João^{VI} levanta-se do seu lugar e fala: “Não precisa ficar nervoso, to indo ajudar você. Você tem que ver quantas vezes o 6 cabe dentro do 2.” E nisso ele vai fazendo a conta no quadro para ajudar o amigo.

A professora não interfere nesse momento, apenas observa de longe os cálculos que estão fazendo. Concluída a conta, ela se aproxima do quadro e faz junto com as crianças a correção, falando: “-Muito bem. Gostei de ver. Viu como é fácil Gabriel? É só prestar atenção.”

Todas as crianças da turma (9 crianças) fazem a conta no quadro. Algumas delas fazem em pouco tempo, outras precisam de uns minutos a mais. Cada uma faz no seu tempo.

A professora não interfere, apenas faz a correção junto com elas no final de cada conta, mostrando os acertos e erros. Ao fazer a análise da atividade proposta, é introduzido a dízima periódica e os numerais com vírgula dentro do assunto da divisão. Concluída a atividade, a professora escreve no quadro para que todos copiem o registro que foi realizado naquele dia.

^V Nome fictício.

^{VI} Nome fictício.

Conforme preconiza o Art. 7º e em conformidade com o art. 22 e o art. 32 da Lei nº 9.394/96 (LDB), as propostas curriculares do Ensino Fundamental visarão desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores, mediante os objetivos previstos para esta etapa da escolarização, a saber:

Art 32º [...] O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006);
I- o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
II- a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
(DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p. 131).

Buscou-se, também, observar as reações das crianças, suas motivações e interação já que estavam em séries, idades, ritmos diferentes e, provavelmente, desenvolvendo diferentes atividades.

Na turma existe um aluno que não é alfabetizado, apresenta laudo de autismo e não tem segundo VII professor. Desse modo, a professora separa alguns minutos das aulas exclusivamente para aplicar atividades de alfabetização com ele. Percebendo a situação, questiono sobre a interação com as crianças e a avaliação, então ouço o seguinte relato:

[...] com o aluninho ali que não é alfabetizado eu dou nota igual. Mas com ele faço na oralidade, e ele me responde, ele está atento, presta atenção. Ele não escreve nada sozinho, apenas com mediação, ele ainda está naquele processo de B com A. Ele não era nosso aluno ano passado, veio para cá nesse ano. A família não morava aqui, moravam em São Paulo. Ele copia as coisas do quadro, mas demora muito. As vezes trago impresso. Meu objetivo não é ele copiar. O conteúdo que é trabalhado com ele é o mesmo, só que eu trago atividades diferenciadas de alfabetização. As outras todas ele participa na oralidade e me responde na oralidade e eu o ajudo. Se tivesse um segundo professor para focar na alfabetização com ele era mais rápido, ficaria o tempo todo com ele, mas o município não vai contratar. Ele tem laudo, ele tem direito, mas ele não atrapalha, não incomoda, não é agressivo, eu dou conta, é só 9 alunos. Por certo ponto eles tem razão, mas a gente faz o que pode". (PROFESSORA).

No momento do recreio, 20 minutos para o lanche, a diretora bate o sino, as crianças levantam-se e seguem para o lado do salão onde está o refeitório. A merendeira serve todos com muito carinho.

^{VII} São atribuições do segundo professor, identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da educação especial.

As crianças permanecem livres no espaço, entretanto não podem sair para brincarem na rua, por ser um espaço aberto e não possuir muro. Da mesma forma, para as aulas de Educação Física, enquanto o professor não chega, as crianças permanecem brincando.

Em outro momento, durante a pesquisa, foi-se recebida com cartinhas e abraços. Acontecia a aula de Geografia. A professora estava trabalhando sobre as coordenadas geográficas. Mostrava o mapa mundi, explicando os meridianos, latitudes e longitudes. Terminada a explicação, as atividades são escritas no quadro.

A maioria das atividades são manuscritas, algumas são fotocopiadas, mas não muitas. Há uma cota de fotocópia por disciplina, 2 por semana. As crianças copiam devagar e conversam com os colegas. Emanuel^{VIII}fala: “Que cheiro de alho”! As outras crianças também comentam que estão sentindo o cheiro. Algumas falam de suas preferências pelos alimentos, outras permanecem fazendo a atividade.

Levando-se em consideração o espaço físico, o cheiro da comida mistura-se em todo o ambiente. As crianças perdem o foco na atividade e a professora chama muito a atenção em relação à conversa e à falta de concentração. Os alunos levam um susto com um objeto que caiu na cozinha. Pelo barulho, parecia uma panela caindo no chão. Todos começam a rir. Então, ela apaga as questões escritas no quadro. Duas crianças reclamam, pois não haviam copiado.

A professora lê e corrige oralmente as alternativas que eram de responder verdadeiro ou falso. Corrigida a atividade, ela passa para a tarefa. A tarefa é realizada no livro. O livro não é utilizado como ferramenta em sala de aula, porque são diferentes, salienta a professora:

Eu trabalho o livro só como tarefa, como complemento. Tem lá no livro o conteúdo que eu trabalhei, o grau de complexidade fica diferente. A correção demora um pouquinho, porque aí eu faço a correção coletiva, as duas turmas participam. Eu corrijo primeiro de uma turma, a outra participa junto nas perguntas e respostas, e depois eu corrijo da outra turma. Se eu percebo que vai demorar muito, eu corrijo em um dia de uma turma e depois de outra. Eu não gosto de corrigir individual, eu gosto de corrigir tudo no coletivo. Vejo que é um momento de aprendizado, de interação, um vai aprendendo com o outro.

Seguindo os dias de observação, em uma aula de História, a professora traz um texto sobre cidadania e pede para que os alunos colemb no caderno de Língua Portuguesa. A leitura do texto é feita de forma coletiva, cada criança lê um parágrafo.

As crianças questionam o porquê colar no caderno de Língua Portuguesa, sendo que a aula é de História. A professora fala que faz parte da interpretação de texto, que estão trabalhando as duas disciplinas na mesma aula. A mesma relata:

^{VIII} Nome fictício da criança.

[...] português trabalho mais interpretação dentro das outras disciplinas, que se eu cuidar só da interpretação na aula de Português eu também não dou conta. História colado no caderno de Português, tem que ser assim, se não, não damos conta do currículo.

O ensino da Língua Portuguesa e da interpretação de texto pode se aliar a outras disciplinas e fazer com que aquele educando tenha mais compreensão e mais clareza sobre o conteúdo. A interdisciplinaridade se faz presente envolvendo atividades, jogos e raciocínio lógico. Todos aprendem sobre o mesmo tema, porém, algumas vezes, são utilizadas metodologias diferentes.

Para Paulo Freire (1987), a interdisciplinaridade é o processo metodológico de construção do conhecimento pelo sujeito com base em sua relação com o contexto, com a realidade, com sua cultura. Nós, como educadores, podemos proporcionar o ambiente da sala de aula aconchegante, mas também um ambiente desafiador, que desperte nos alunos a vontade de interagir, dialogar, tornando-se autores de seu ensino-aprendizagem. Diante disso, Freire menciona (2003, p. 93):

[...] Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Seguindo o planejamento da aula, a professora traz o vídeo retirado do *Youtube*, abordando sobre a história do Brasil, democracia e monarquia. A sala não possui o recurso de retroprojetor, então o computador é o único recurso. As crianças demonstram muito interesse pelo vídeo, assistem atentas, sem tirar os olhos do computador. A maneira encontrada de levar a informação para as crianças é singela, mas com objetivo pertinente.

Após assistirem ao vídeo, é entregue uma atividade fotocopiada. Enquanto as crianças realizam a atividade, a professora dá atenção para o aluno que precisa ser alfabetizado. A turma apresenta muita dificuldade em interpretar a atividade, perguntam a todo momento como podem encontrar as respostas. A professora pede para que leiam com atenção e que tenham concentração, que durante a correção as dúvidas serão solucionadas.

É importante saber identificar quando um aluno tem dificuldade ou quando sua dificuldade na verdade está em interpretar. Segundo Lima (1989), a escola como um espaço de encontros, de aprendizagem individual e coletiva, deve repensar a sua rotina, encontrar maneiras de melhor relacionar o tempo-espaço escolar com o desenvolvimento de múltiplas

linguagens, trazendo um planejamento que oportunize momentos que incentivem as discussões de opiniões divergentes, a socialização de descobertas e o enfrentamento de conflitos.

É possível colocar em prática o ensino interdisciplinar, eliminando possíveis barreiras entre as disciplinas, para que possam alcançar o mesmo objetivo: a construção do conhecimento. Desse modo, em turmas multisseriadas, é necessário fortalecer novas relações, enriquecer o aprendizado das crianças. Esta, por sua vez, caracteriza-se pela intensidade das trocas de experiências entre professor e educandos.

Explorando o cenário pesquisado, após atividade de História, a professora pede para que guardem o material para organizar 2 grupos: 4º ano de um lado (juntando as mesas) e 5º ano de outro lado (juntando as mesas). A proposta é de atividade lúdica com jogos. As crianças que fazem parte do 4º ano brincam com um jogo de trilhas, e as crianças do 5º ano praticam um jogo envolvendo matemática e raciocínio lógico, com figuras geométricas: vértices e arestas.

Esses jogos são fornecidos pela rede municipal de ensino. Dentre os conteúdos a serem trabalhados, incluem-se os jogos lúdicos. Duas vezes por mês são realizados esses jogos. A professora explica melhor sobre essa metodologia em relato:

Tem jogos específicos para cada série, mas nada voltado para a classe multisseriada. Por isso que a turma multisseriada dá um pouquinho mais de trabalho, pois acaba sendo dois jogos por mês, para cada série. A gente tem uma aula semanal para trabalhar esses jogos, temos aulas específicas para isso. Seria na aula de matemática, uma vez por semana. Então se eu escolho o mesmo dia para duas turmas, assim duas vezes por mês.

Proporcionar experiências em que a criança utiliza a interação e a brincadeira para ampliar seu aprendizado é de suma importância, assim, o desenvolvimento do conhecimento assume uma relação com diversas linguagens, interações e ludicidade.

A ludicidade é fundamental na vida da criança em sua infância. Traz muitos benefícios para sua aprendizagem. Sendo assim, explorar o que já foi aprendido e acrescentar gradativamente novas descobertas, é essencial para o desenvolvimento de outras linguagens.

No último dia de observação, conforme o cronograma acertado com a diretora, estava agendada uma avaliação de Geografia. Chegando à sala, percebeu-se que a professora usava o mapa mundi para fazer uma pequena revisão antes da prova. As crianças faziam perguntas, ouviam com atenção as explicações. Após a explicação, os materiais são guardados na mochila e a prova é distribuída. A prova é igual para o 4º ano e para o 5º ano. Em relato, a professora menciona: "As provas de Geografia, História, área de humanas são todas iguais. Eu mudo

somente matemática, por exemplo: se estamos trabalhando divisão, os números serão diferentes, os probleminhas serão diferentes. Sempre dependendo dos meus objetivos."

Enquanto realizam a avaliação, a professora aplica a mesma prova com o aluno que não é alfabetizado. Ela vai lendo a prova junto com ele, perguntando oralmente as respostas e vai soletrando as letras para que ele escreva as respostas num processo de paciência e dedicação.

Quando o professor, escola e corpo docente apresentam a proposta didática condizente com o processo natural das crianças na aquisição da leitura e da escrita, estão respeitando a psicogênese e o desenvolvimento da aprendizagem. Segundo Kramer e Leite (1999), é preciso respeitar o contexto social em que a criança está inserida e as experiências a serem propostas precisa considerar o que já foi vivido. Desse modo, Kramer e Leite (1999, p. 22) enfatiza:

[...] Isso significa reconhecer que as crianças são diferentes e têm especificidades, não só por pertencerem a classes diversas ou por estarem em momentos diversos em termos do desenvolvimento psicológico. Também os hábitos, costumes e valores presentes na sua família e na localidade mais próxima interferem na sua percepção do mundo e na sua inserção[...]

A relação professor e aluno são fundamentais no desenvolvimento da educação. Levando em conta o que se observou durante a aplicação da prova com a turma de 4º e 5º ano, de ensino multisseriado, a professora disponibiliza alguns minutos para atender individualmente as crianças que não conseguem desenvolver as repostas para concluir a avaliação. Mesmo com a mediação, algumas ainda encontram dificuldades, contudo ela pede para que pensem e releiam. As crianças reclamam muito, dizem que não estão conseguindo, que a prova está difícil. Diante da situação, a professora explica oralmente a prova para todos. Algumas crianças ainda reclamam, porém a professora percebe que a maioria não estudou e fala para a turma: "Vocês, não estudaram!!! Eu expliquei várias vezes esse assunto, mas percebo pouco interesse da parte de vocês!"

Algumas crianças respondem dizendo que estudaram e outras confessam que não estudaram. Acabado o tempo da avaliação, foram utilizadas duas aulas equivalendo a 90 minutos, o sino soa e as crianças têm o tempo para lanche. Todas as crianças lancham juntas, inclusive os menores que fazem parte do 1º e 2º ano.

Após o lanche, as crianças voltam à sala e sentam-se em seus lugares. A disciplina trabalhada nas últimas duas aulas foi matemática. A professora faz uma tabela no quadro para que as crianças façam a tabuada do número 1 ao número 9, para facilitar nas contas de divisão.

Elas copiam a tabela do quadro em seus cadernos e tentam fazer os cálculos. Algumas delas contam nos dedos, outras utilizam folha de rascunho e objetos para a contagem, como lápis. Elas permanecem com essa atividade até o final da aula.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo, conforme seus procedimentos técnicos adotados para coleta de dados, investigou como ocorre a gestão e a educação multisseriada. A pesquisa obteve como população alvo a realidade cotidiana da gestão da escola e da sala de aula e os aspectos sócio históricos e atuais da escola de ensino fundamental da rede municipal de Laguna que oferece ensino multisseriado.

Ao fazer uma análise, é possível perceber que existem déficit e carências na escola investigada. Nos resultados do trabalho, ficou clara a necessidade de políticas públicas direcionada para a escola do campo, que contemple um ensino emancipador, possibilitando a sua construção a partir dos sujeitos, de suas vivências, permitindo-lhes o acesso ao conhecimento. Foi possível observar suas fragilidades em vários aspectos, tais como: infraestrutura precária, material didático escasso e a precária formação do professor.

Apesar da heterogeneidade das crianças, a professora orienta suas aulas como se fossem turmas seriadas, tentando cumprir o currículo para as duas séries. No processo de ensino aprendizagem nas classes multisseriadas, compreende-se que a aprendizagem, neste modelo de ensino, é eficaz, mas existem lacunas. A professora se empenha para cumprir o currículo e seu papel de educadora. Algumas crianças apresentam dificuldades, mas conseguem acompanhar as atividades propostas. As tarefas são corrigidas em momentos diferentes para cada turma, pois seu material de tarefas é específico para cada série. Observou-se que o espaço físico sofre com a carência de recursos públicos, não ofertando um espaço adequado de aprendizagem. As crianças são as maiores prejudicadas, privando-as de momentos de lazer e, de certa forma, não sendo apropriado para o ensino aprendizagem.

Aqui está documentada a reação das crianças, professora, diretora, as proposições da pesquisadora e as experiências que elas viveram. No ambiente escolar, as crianças vivenciaram o exercício do raciocínio, tomadas de decisões, a relação entre crianças maiores e menores, relação de respeito, companheirismo, facilitando as atitudes, responsabilidades e autonomia. O ambiente contempla a realidade das crianças, de suas famílias e, principalmente, da gestão da escola, que busca diariamente recursos para se reerguer e fortalecer o ensino para que sua escola não seja nucleada.

A mediação do professor é fundamental, pois o conhecimento só se desenvolve a partir de uma problematização, assim, seu papel é fundamental e necessário, seja ele na fase inicial ou continuada. A experiência vivenciada demonstrou a importância de compreender as escolas rurais, suas conquistas e suas dificuldades. Foi através dessa inserção que se pode pensar e refletir sobre a prática, sobre as crianças, o tempo, espaço e o planejamento.

O objetivo geral do trabalho foi alcançado, visto que, através da pesquisa, foi possível perceber e entender que o professor e os gestores, especialmente de escolas rurais, precisam desenvolver métodos harmoniosos. Ainda, convém lembrar das vivências das crianças, olhar a realidade que estão inseridas, agregando concepções e ideias que tenham significado para todos os envolvidos no processo educativo. Define-se, também, que os gestores e professores não fazem tudo sozinhos, necessitando da ajuda da comunidade, poder público, união de todos para que seus objetivos sejam alcançados.

Para essa escola, há muitos fatores positivos no processo de ensino aprendizagem. A professora organiza as séries, facilitando a interação entre as turmas, pois um espaço mal planejado no ensino multisseriado pode dificultar o aprendizado. Ouvir as pessoas, seus questionamentos, participar da realidade vivenciada pela escola rural, nesse modelo de ensino, trazem contribuições para uma reflexão da educação em Santa Catarina e, talvez, mais tarde um estudo mais aprofundado sobre os sujeitos que fazem parte da escola do campo.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Daiana Aparecida Marques de. **Pés de milho e feijão:** narrativas sobre uma escola do campo de um município da Zona da Mata Mineira. 2017. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppge/files/2018/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Daiana-Aparecida-Marques-de-Amorim.pdf>. Acesso em: 29 set. 2019.

AMORIM, Daiana Aparecida Marques do. **Educação rural e as salas multisseriadas:** uma reflexão sobre as políticas públicas para esse contexto. In: 37ª Reunião Nacional da ANPED – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/poster-gt14-4207.pdf>. Acesso em: 10 out.2019.

BARROS, Josemir Almeida; LIMA, Sandra Cristina Fagundes de História das escolas públicas primárias em áreas rurais: ausência de políticas públicas (Minas Gerais 1899 - 1911). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 13, n. 50, p. 251-263, mai/2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640306/7865>. Acesso em: 10 out.2019.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral.

Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: 09 set. 2019.

BRASIL. **RESOLUÇÃO Nº 2, DE 28 DE ABRIL DE 2008**. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/resolucao_2.pdf. Acesso em: 10 out. 2019.

BRASIL. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 10 out. 2019.

CARDOZO, Liane Morais. **Ciranda da Saudade**. Laguna: Copiart, 2000.

Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense. 2019. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/imprensa/noticias/30338-versao-final-do-curriculo-base-da-educacao-infantil-e-do-ensino-fundamental-do-territorio-catarinense-e-entregue-ao-conselho-estadual-de-educacao>. Acesso em: 11 out. 2019.

Estatuto da Associação. 2015/2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz (Orgs.). **Infância e produção cultural**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

LIMA, Mayumi Souza. **A cidade e a criança**. São Paulo, Nobel Livraria, 1989.

MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32408-educacao-no-campo>. Acesso em: 22 mai. 2019.

MEC. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/30292369/do1-2013-02-04-portaria-n-86-de-1-de-fevereiro-de-2013-30292365. Acesso em: 22 mai. 2019.

MEC. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Programa Escola Ativa, Projeto Base. Brasília, 2008. Disponível em: [MEC_ESCOLA%20ATIVA_MUTISSERIADA%20-%20Copia.pdf](#). Acesso em: 1out. 2019.

PARENTE, Cláudia da Mota Darós. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (online)**, Brasília, v. 95, n. 241, p. 676-695, set./dez. 2014.

Projeto Político Pedagógico. 2015.

QEDU. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/>. Acesso em: 26 set. 2019.

ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir (Orgs.) **Família & escola:** novas perspectivas de análise. Petrópolis: Vozes, 2013.

SANDRINI, Nádia Maria Soares. **Políticas educacionais:** Entre ditos e feitos, os efeitos do programa de municipalização/nucleação. 2000. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2000.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina:** formação Integral na Educação Básica. Santa Catarina, 2014. Disponível em: https://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/Proposta_Curricular_final.pdf. Acesso em: 11.out. 2019.

TERUYA, Teresa Kazuko et al. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (online)**, Brasília, v. 94, n. 237, p. 564-584, maio/ago. 2013.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DA SALA DE AULA



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

CURSO DE PEDAGOGIA

ACADÊMICA: ELLEN PATRICIO DA SILVA

**PROJETO DE PESQUISA: ESCOLA MULTISSERIADA: ESTUDO DE CASO DE
UMA REALIDADE DA ÁREA RURAL DO MUNICÍPIO DE LAGUNA SC**

INSTRUMENTO I - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DA SALA DE AULA

DATA: ____/____/____

ITENS A OBSERVAR	ANOTAÇÕES
Organização física da sala. Há diferenças em relação à sala unisseriada?	
Organização das atividades com as crianças. São passadas como pela professora? Como as crianças reagem? As crianças estão sempre envolvidas, considerando ritmos e atividades diferentes? As estratégias utilizadas são diferentes para cada série?	

Motivação. As crianças se apresentam motivadas?	
Relação entre as crianças. Interação entre todas independente das idades?	
Outra observação relativa à:	
Outra observação relativa à:	
Outra observação relativa à:	

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA****CURSO DE PEDAGOGIA****ACADÊMICA: ELLEN PATRICIO DA SILVA****PROJETO DE PESQUISA: ESCOLA MULTISSERIADA: ESTUDO DE CASO DE
UMA REALIDADE DA ÁREA RURAL DO MUNICÍPIO DE LAGUNA SC
INSTRUMENTO II – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR**

Este instrumento tem como objetivo nortear a entrevista a ser realizada com os professores sobre a realidade da escola multisseriada. A sua participação neste estudo é de fundamental importância, visto que essa é a sua realidade diária. Em hipótese alguma será revelado a sua identidade, nosso objetivo é mostrar a realidade do ensino multisseriado. As perguntas representam um roteiro para um diálogo aberto. Para que haja fidelidade as suas falas, peço permissão para gravar.

Agradeço a sua participação.

Roteiro da entrevista:

1. Qual a sua formação?
2. Há quanto tempo trabalha no magistério dos anos iniciais do Ensino Fundamental?
3. Há quanto tempo com classe multisseriada?
4. Há quanto tempo nessa escola?
5. Mora na comunidade? Se não mora, como é o seu deslocamento até a escola?
6. Como você realiza o seu planejamento? Ele é semanal, quinzenal ou mensal? É realizado um para cada série?
7. Recebe formação continuada para ajudá-lo em suas práticas pedagógicas?
8. Quais as dificuldades apresentadas pelos alunos do ensino multisseriado?
9. Você considera que essas dificuldades não ocorreriam se o ensino fosse unisseriado?
10. Os pais participam da vida escolar dos filhos?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

CURSO DE PEDAGOGIA

ACADÊMICA: ELLEN PATRICIO DA SILVA

PROJETO DE PESQUISA: ESCOLA MULTISSERIADA: ESTUDO DE CASO DE
UMA REALIDADE DA ÁREA RURAL DO MUNICÍPIO DE LAGUNA SC

INSTRUMENTO III– ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O DIRETOR

Este instrumento tem como objetivo nortear a entrevista a ser realizada com o diretor sobre a realidade da escola multisseriada. A sua participação neste estudo é de fundamental importância, visto que essa é a sua realidade diária. Em hipótese alguma será revelado a sua identidade, nosso objetivo é mostrar a realidade do ensino multisseriado. As perguntas representam um roteiro para um diálogo aberto. Para que haja fidelidade as suas falas, peço permissão para gravar.

Agradeço a sua participação.

Roteiro da entrevista:

1. Qual a sua formação?
2. Há quanto tempo trabalha no magistério?
3. Há quanto tempo trabalha como diretora?
4. Há quanto tempo nessa escola?
5. Mora na comunidade? Se não mora, como é o seu deslocamento até a escola?
6. A comunidade participa da vida da escola?
7. Poderia relatar um pouco da história da escola?
8. O que você acha que essa escola representa para a comunidade?
9. Os órgãos públicos preocupam-se, geram recursos ou contribuem para o funcionamento da escola (espaço físico, tecnológico, professores, etc.)?
10. Onde os alunos estudam depois que concluem o 5º ano? Você tem informações de desistentes? Ou todos seguem até o final do Ensino Médio?

AGRADECIMENTOS

Dedico este artigo, primeiramente, a Deus, meu guia, socorro presente na hora da angústia, que me deu forças para seguir em momentos que foram tão difíceis.

A minha orientadora, Nádia Sandrini, por ter me ajudado e acolhido com tanta sabedoria e carinho.

A minha mãe, por ter me ajudado ao longo desse caminho, por compreender os momentos complicados e minha ausência em alguns momentos.

Ao meu pai, “in memoriam”, que me deu muito carinho e amor e me ensinou que ter um coração bom é a maior sabedoria que podemos ter.

Aos professores do curso de Pedagogia, por terem compartilhado seus conhecimentos e fazerem parte da minha formação.

As colegas, que conviveram comigo nesse espaço ao longo desses anos. Aos amigos e amigas, com os quais compartilhei momentos de tristeza e felicidade.

Agradeço à Escola de Ensino Fundamental Agrícola Índio Guimarães de Laguna – SC, à professora, diretora e às crianças que participaram desta pesquisa, pois me receberam e acolheram muito bem.